

ESCRE(VI)VER É TRAZER A MORTE NA PONTA DA LÍNGUA: MIL ROSAS ROUBADAS DE SILVIANO SANTIAGO

ESCRE(VI)VER IS TO BRING DEATH ON THE TIP OF TONGUE: MIL ROSAS ROUBADAS OF SILVIANO SANTIAGO

Pedro Henrique Alves de Medeiros 1
Edgar César Nolasco 2

Resumo: Este trabalho tem por objetivo delinear uma (re)leitura homo-bio-ficcional do romance *Mil rosas roubadas* (2014), publicado pelo escritor Silvano Santiago, à luz, sobretudo, dos conceitos de amizade (DERRIDA, 2003) (ORTEGA, 2000), espectro (DERRIDA, 1994), escrevivência (EVARISTO, 2017) e sobrevida (DERRIDA, 1994). Para tal, nos valem de uma metodologia eminentemente bibliográfica assentada na Crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2014) que, em linhas gerais, congrega os estudos pós-coloniais/descoloniais (MIGNOLO, 2003) e os crítico-biográficos (SOUZA, 2003). Dessa forma, os teóricos basilares para a reflexão ensejada são, dentre outros, Roland Barthes, Jacques Derrida, Conceição Evaristo, Walter Mignolo, Francisco Ortega, Juliano Garcia Pessanha e Eneida Maria de Souza. Como resultados esperados, buscamos explicitar uma discussão teórica acerca do conceito de (boa) amizade (política) e, ainda, tomar a sobrevida e os espectros como facetas elementares em nossa constituição biográfica atravessada por histórias escrevíveis da perda/da morte propondo um entrecruzamento metafórico de vida/obra e realidade/literatura.

Palavras-chave: Silvano Santiago. Amizade. *Mil rosas roubadas*.

Abstract: This work aims to delineate a homo-bio-fictional (re)reading of the novel *Mil rosas roubadas* (2014), published by the writer Silvano Santiago, in the light, above all, of the concepts of friendship (DERRIDA, 2003), spectrum (DERRIDA, 1994), escrevivência (EVARISTO, 2017) and survival (DERRIDA, 1994). For this, we use an eminently bibliographical methodology based on the Frontier biographical critique (NOLASCO, 2014), which, in general, congregates the postcolonial/decolonial studies (MIGNOLO, 2003) and the biographical critics (SOUZA, 2003). In this way, the basic theorists for the reflection are Roland Barthes, Jacques Derrida, Conceição Evaristo, Walter Mignolo, Francisco Ortega, Juliano Garcia Pessanha and Eneida Maria de Souza. As expected results, we sought to explain a theoretical discussion about the concept of (good) friendship (politics), and also to take survival and spectra as elementary facets in our biographical constitution traversed by histories of death writers proposing a metaphorical interbreeding of life/work and reality/literature.

Keywords: Silvano Santiago. Friendship. *Mil rosas*

Mestrando no Programa de Estudos de Linguagens, UFMS/NECC. 1
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7873945627773074>.
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5872-1626>.
E-mail: pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com

Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de 2
Minas Gerais, UFMS/NECC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7443635104960914>.
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. E-mail: ecnolasco@uol.com.br

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada, nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba
mais de mim. (ANDRADE, 2015, p. 863)

Desde então, até mesmo os ausentes estão presentes [...] e, o
que é ainda mais difícil de dizer, os mortos vivem... (DERRIDA,
2003, p. 07)

Sua muleta tecnológica, sua sobrevida, nosso último
reencontro em vida. Eu perdia minha muleta de carne e osso.
Eu perdia minha sobrevida. Se ele já não pode ser mais meu
biógrafo, proponho ser eu o biógrafo dele. (SANTIAGO, 2014,
p. 21)

Uma pulsão de morte atravessa nossos corpos epistêmico-fronteiriços *homo-biográficos*. Estes ardem de paixão, sofrem de uma ausência, de uma presença, são povoados de espectros, (con)vivem com amigos políticos, com o desejo de (sobre)viver (DERRIDA, 2003) e escre(vi)ver (EVARISTO, 2017). Sobrevivemos e escre(vi)vemos a partir das nossas sensibilidades biolocais, geoistóricas (MIGNOLO, 2003, p. 256) e epistêmicas, de divíduos¹ que existem a partir da ausência. Trazemos a morte na ponta da língua (SCHNEIDER, 2005, p. 285). Como as epígrafes de Drummond, Derrida e Silviano respectivamente elucidam, a ausência se constitui enquanto presença integrando tanto nosso *bios* quanto o de Silviano. Como nós poderíamos escrever contra a morte? Não é a morte que é um mal-entendido, mas sim, a vida (SCHNEIDER, 2005, p. 88).

“Nasci surpreendido e ferido por saudade absurda.” (PESSANHA, 2018, p. 90). O espectro paterno nos constitui tal qual o de Zeca integra Silviano. Essas possíveis ausências são destituídas de faltas, aconchegam-se em nossos braços e ninguém pode roubá-las de nós. Esses amigos-mortos vivem na nossa sobrevida/escrevivência ao passo que se circunscrevem na cultura a qual nossos discursos estão/são postos. Destituindo-nos de qualquer relação com espaços privados, tornamo-nos amigos-amantes, políticos e públicos. Projetamo-nos em direção a uma formulação epistêmica da amizade política e não-fraternal de maneira a encampar nossas histórias/relações/sobrevidas.

Nascemos feridos e atravessados por histórias de sobrevivências e escrevivências. Silviano pela tentativa de superação do luto do amigo-amado, então biógrafo e cúmplice; nós, pela falta de nossos interlocutores espectrais intimamente conhecidos como pais. Desse modo, há dois elos de aproximação entre nossa história dividida (PESSANHA, 2018, p. 114): ambas as relações se fundamentam e se aquilatam no espaço público e, ademais, se ensejam como presença na medida em que fazem nascer projetos, fundam uma esperança que ilumina o porvir. Leva-se o renome do nome para além da morte (DERRIDA, 2003, p. 17). Roubamos mil rosas ficcionais para tentar tamponar nossas faltas através do nosso exercício epistêmico-político de escre(vi)ver. Realizamo-nos onde, *a priori*, mais fracassaríamos (NOLASCO, 2018, p. 21). Sobre escrevivência, a intelectual Conceição Evaristo propõe:

Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência é a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição

¹ Utilizamos-nos do conceito “divíduo” o qual Juliano Garcia Pessanha discute no livro *Recusa do não-lugar* (2018). Em linhas gerais, o “divíduo” é a intercorporeidade entre sujeito e objeto. Dilui-se a separação estabelecida *a priori* entre as categorias supracitadas.

de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência. (EVARISTO, 2017, s/p, grifos nossos)

Utilizamos-nos do conceito de escrevivência proposto pela intelectual Conceição Evaristo para pensar uma escrita que se dá pela inscrição do *bios*, das sensibilidades e do corpo do sujeito pensante – ou melhor, de *dívíduo* pensante. Diferentemente dos muitos “autos” que povoam nossa época – a citar: autobiografia, autoficção etc. – escre(vi)ver está para além destes conceitos modernos, exportados e disciplinares. Inicialmente, tal teorização emerge de uma intelectual negra refletindo sobre mulheres negras. Todavia, como a própria Conceição corrobora, todos realizam escrevivências, dado que estas se dão a partir das próprias escolhas temáticas, vivências e opções daquele que escre(vi)ve.

Voltando esse exercício epistêmico-político de escre(vi)ver para a teorização que aqui ensejamos, tanto nós, enquanto críticos biográficos sul-fronteiriços, quanto Silviano, sobrevivemos e escre(vi)vemos. Escre(vi)vemos a partir de nossas sensibilidades *homo-biográficas* assentadas em uma teorização e metaforização de nossas próprias vidas. Escre(vi)vemos atravessados pela morte e, por sua vez, por faltas latentes que sob o crivo de nossas sensibilidades são metaforizadas em espectros vivos na cultura. Eneida Maria de Souza em “Teorizar é metaforizar” (2016) afirma que o gesto de teorizar é alimentado por outros, como o de ficcionalizar, vivenciar e metaforizar (SOUZA, 2016, p. 218).

A assertiva de Eneida está subsidiada pela crítica biográfica a qual possibilita a revisão de binarismos, tais como teoria/ficção, vida/obra e a diluição das fronteiras disciplinares. Porém, ainda que Eneida proponha o afastamento das dualidades, suas reflexões ainda se fundamentam em uma visada disciplinar e pós-moderna por excelência. Com isso, entendo que, avançando o pensamento da mineira, a escrevivência é melhor entendida atravessada não por uma teoria (ou teorias) disciplinares, mas por uma teorização crítico-biográfica fronteiriça – de caráter pós-colonial. Mignolo afirma:

[...] deveríamos poder distinguir entre *teorias pós-coloniais* como uma mercadoria acadêmica (da mesma forma que as teorias pós-modernas foram e estão sendo mercantilizadas) da *teorização pós-colonial*, que são críticas incluídas na razão subalterna e na gnose liminar: *um processo de pensamento que os vivem sob a dominação colonial precisam empreender para negociar suas vidas e sua condição subalterna*. (MIGNOLO, 2003, p. 145-146, grifos nossos)

É no que tange ao empreendimento da negociação de vidas subalternas que as nossas escrevivências e a de Silviano emergem. Somos sujeitos que de modo *desobediente epistemicamente* erigimos uma *opção descolonial* da homossexualidade ao viver, pensar e teorizar *a partir* do nosso biolócus e das nossas sensibilidades biográficas. Somos de onde pensamos ao invés de sabermos que existimos porque pensamos – diferentemente do que propôs o *cogito* e o racionalismo cartesiano. Nossas vidas de *dívíduos* são descolonialmente metamorfoseadas na medida em que somos duplamente políticos: primeiramente, pela condição *homo-biográfica* que nos habita; e, posteriormente, pela amizade política que nos aproxima pela diferença.

Nesse sentido, nossa discussão escrevivente acerca da política da amizade, da boa amizade, se resguarda, de maneira contumaz, às reflexões de Jacques Derrida, Francisco Ortega e Edgar César Nolasco. Para os intelectuais, a amizade enquanto um *exercício do político* (ORTEGA, 2000, p. 23) surge como uma alternativa às formas já desgastadas de relacionamentos (ORTEGA, 1999, p. 27), tais como: a família e o matrimônio. A amizade institui novas maneiras de sensibilidades e de sociabilidades estabelecendo-se o culto à boa distância. Multiplicidade, intensidade, experimentação e desterritorialização constituem, portanto, a política da amizade.

Com isso, Silviano e Zeca se tornam próximos, para nós, a partir da distância que ocupam. Isto é, estes espectros estão postos sempre ao que Nolasco chama de *espaço necessário reservado à crítica* (NOLASCO, 2010, p. 38) na amizade ou o que Derrida explicita como sofrer

de um mal em **Mal de arquivo** (2001). Essa relação que emerge da figura de críticos biográficos e amigos-amantes nunca se sustenta por uma relação fraternalista, não transformadora. A fraternidade neutraliza, suprime, coíbe a distância dos homens (ORTEGA, 2000, p. 31) e anula a pluralidade, a *diversalidade*. Com ela, o sujeito não se transforma, apenas se reafirma no mundo. Isso posto, Ortega explicita:

Uma nova noção de amizade iria contra o ideal clássico (aristotélico-ciceroniano) da amizade, entendida como 'igualdade e concordância'; pois, no amigo, não devemos procurar uma adesão incondicional, mas uma incitação, um desafio para nos transformarmos. Tratar-se-ia de sermos capazes de viver uma amizade cheia de contradições e tensões, que permitisse um determinado agonismo e que não pretendesse anular as diferenças. [...] Nietzsche critica os 'bons amigos', que sempre dizem o que queremos escutar, sempre concordam, nunca criticam, pois eles fortalecem nossa identidade, impedem o desenvolvimento de uma sensibilidade para as diferenças e a alteridade. (ORTEGA, 2000, p. 80)

Estabelecemos sob a pluma de um espaço nômade do saber (SOUZA, 2002, p. 39) crivado em uma paisagem epistêmica sul-fronteiriça, amizades políticas as quais herdamos e somos herdados, escolhemos e somos escolhidos, transformamos e somos transformados por esses amigos espectrais-críticos. Sobrevivemos, primeiramente, às mortes paternas, uma vez que, como explicita Michel Schneider em **Mortes imaginárias**, sofremos pela morte dos outros quando os amamos (SCHNEIDER, 2005, p. 267). Não existimos sozinhos, somos feitos de um monte de outros.

Simbioticamente, vivemos essas vidas, as tratamos demoradamente e as assumimos nos espaços públicos os quais formam nossas identidades de divíduos sul-fronteiriços da exterioridade. Reconhecemos, segundo Derrida, nossos duplos ideais, os quais são outros em nós mesmos, estes são os mesmos de mim melhorados (DERRIDA, 2003, p. 18). Os amigos seriam, então, nossa própria imagem ideal. Nós os enxergamos e estes nos reverberam o olhar. Constituímo-nos enquanto imagens, para além da vida e da morte, desses amigos os quais escolhemos e herdamos. Nesse prisma, novamente, a ausência se torna presença e o morto, vivo. Nossa sobrevivida, nossos espectros, nossa plêiade de amigos políticos.

Silviano, em entrevista sobre o romance **Mil rosas roubadas**, afirma que a vida é uma assassina impiedosa e cruel, pois pode matar uma pessoa a qual amamos sem antes nos matar. Mais profundamente a isso, a vida mata um e salva o outro, dado que é ela mesma quem ampara o sobrevivente até o fim dos seus dias. (SANTIAGO, 2014, s/p). De maneira transferencial, nós e Silviano, amigos políticos, sofremos desse mal, dessa sombra fantasmagórica da morte. Ambos, amigos-amantes, perdemos amigos-amados e, como forma de (sobre)viver, aprendemos a conviver com o luto, com nossos males, com nossos fantasmas, escre(vi)vendo: "Sem a escrita biográfica dele, nada mais vale para mim." (SANTIAGO, 2014, p. 18). Intercambiámo-nos, ora perdemos nossos pais, ora Zeca. Ora assumimos a escrita biográfica, ora autobiográfica. Nossas histórias biopolíticas são narrativas da sobrevivência, da sobrevivida e do discurso do epitáfio. Amamos nossos amigos para além da vida e da morte.

Por isso, ainda que nossos pais, cultural e socialmente, sejam reconhecidos pelo pertencimento aos nossos espaços privados, os compreendemos como amigos políticos por nossa relação se estabelecer, fundamentalmente, em uma visada epistêmica, pública, política, nunca/jamais privativa e/ou fraternalista. Ademais às relações afetivas que atravessam nossos corpos e nossas sensibilidades de filhos, nos colocamos na figura de pesquisadores a fim de teorizar sobre nós através do outro. É, assentados em razões de princípio (literatura, ensaio, crítica, arquivo, biografia) e de coração (amizades, escolha, transferência, herança, paixões, morte), *nunca falar do que não se admira* (NOLASCO, 2010, p. 36).

Conforme Derrida, o ser-político do político (NOLASCO, 2003, p. 11). Transformamo-nos a partir dos espectros paternos. Discorremos sobre Silviano e Zeca, amigos-amantes políticos,

para narrar as nossas próprias histórias/autobiografias a partir da fronteira-sul. Somos os herdeiros fielmente infieis que discorrendo criticamente nunca se descolam da sensibilidade, do afeto, do amor, da amizade política. Quanto ao conceito de amizade fraternal, Jacques Derrida corrobora a necessidade de revisá-lo:

A decisão de apelar implicaria um procedimento de reexame. Há queixume, e queixume quanto ao juízo feito, quanto às suas expectativas, quanto aos conceitos melhores acreditados do político e à interpretação canônica da amizade, quanto à *fraternização*: com a vista a *protestar* ou a *contestar*, a saber, a apelar para ela, diante de uma outra instância testemunhal, do facto ao direito e do direito à justiça. (NOLASCO, 2003, p. 13)

Como contraponto a esse ideal de fraternalização e supressão das diferenças/pluralidades, Derrida afirma que a boa amizade supõe a desproporção (NOLASCO, 2003, p. 74). Há uma necessidade de rupturas de reciprocidade ou de igualdade. Ela nasce da desproporção quando se respeita o outro mais do que a si mesmo o que, não necessariamente, implica amá-lo mais que à própria imagem. Há, nessa relação, um certo toque de intimidade, mas sem intimidade explicitamente posta. É ser próximo pela distância, ser amigo inimigo, aliado hospitaleiro (PESSANHA, 2018, p. 71). É ser filho-amigo-político-pesquisador extrínseco à lógica familiar privada e inserido no espaço público/político.

Para Francisco Ortega, em **Genealogias da amizade** (2002), o deslocamento das ideologias familiares/privadas e a reabilitação do espaço público tornam capaz a possibilidade de uma estilística da amizade como um experimento sociocultural que intensifica essas redes de relações ampliando e reinventando o eixo do político (ORTEGA, 2002, p. 162). A valorização extrema da vida familiar implica a exclusão de primar por outras formas de vida. É necessário, portanto, deslocar a ideologia familiar para promover uma abertura às novas formas de sociabilidade, como a amizade ou a solidão, por exemplo. Epistemicamente, deslocamos os espectros paternos do eixo familiar privado para tomá-los como amigos políticos a partir da relação pública espectral que ensejamos em nossas escrituras.

Em termos de escritura, ainda que pensando da fronteira-sul do Brasil, escre(vi) vemos atravessados pela imagem das borboletas-azuis² que habitam tanto a Praça Sete de Setembro em Belo Horizonte quanto o nosso *bios*, a nossa memória e o nosso corpo enquanto arquivo vivo/aberto. Distanciamos-nos para nos aproximar. Transportamos-nos para maio de 2018 quando, por circunstâncias de um congresso acadêmico na UFMG, viajamos a Belo Horizonte pela primeira vez e nos deparamos com os espectros do nosso Silvano e de Zeca na praça Sete.

Como já expomos, nascemos a partir do (des)encontro com nossos espectros paternos. Do mesmo modo, o romance **Mil rosas roubadas** nasce a partir da morte, da falta, da perda e do luto. Em um processo de metamorfose e simbiose, nós, crivados no espaço público da *ascese*, da pluralidade, nos fundimos enquanto dívidos que buscam uma forma política de sobreviver à morte dos amigos-amados. A perda do então biógrafo é anunciada como uma chave na primeira sentença do romance na mesma medida em que nossas vindas ao mundo antecipam as mortes paternas. Diante disso, é preciso *tempo para compreender o que amar quer dizer* (LINDON, 2014, p. 15). Amar a imagem do amigo como uma cópia de si.

Tomando Silvano como uma cópia/imagem de nós e a Praça Sete como um lócus geográfico que encampa nossas narrativas biográficas, ao (re)visitar esse espaço em 2018, (re)vivemos o primeiro encontro dos amigos-amantes-cúmplices Zeca e Silvano em 1952. Através da proposição compósita e metafórica proporcionada pela crítica biográfica (SOUZA, 2002, p. 111), (re)encontramos, espectralmente, nossos amigos políticos da sobrevivida 66 anos após o primeiro encontro destes ao pegar o bonde e discutir sobre borboletas-azuis e entomologistas. Desenfreado, desse modo, uma boa amizade, à lá Derrida, crivada no espaço público e de caráter altamente politizado. **Mil rosas roubadas** expõem o primeiro encontro:

2 A imagem das borboletas-azuis é uma metáfora criada pelo romance **Mil rosas roubadas** (2014) como tema/conversa de aproximação entre Silvano (narrador) e Zeca na Praça Sete de Setembro em Belo Horizonte,

Se não foi por estranha coincidência que nos encontramos na praça Sete, qual teria sido a razão que o levou a se aproximar de mim e a puxar conversa?

Sem dizer meu nome, já que ainda não o sabia, me disse:

– Bela coincidência! A gente se viu lá no Clube de Cinema no sábado à noite. Está lembrado, não? Você estava tão entretido depois do filme, de papo com o Jacques, que nem quis atrapalhar a conversa.

Eu não conseguia abrir a boca.

– Ao sair, passei batido por vocês dois – ele concluiu. (SANTIAGO, 2014, p. 64)

O fragmento apostrofa narra o primeiro encontro/diálogo dos rapazes que, *a posteriori*, se tornariam amigos-amantes políticos até que a morte ontologicamente os separasse. Quanto à construção e à herança dessa amizade, Silviano deixa explícito que desde o momento em que viu Zeca assistindo ao filme no Clube de Cinema, ele já queria ser seu amigo (SANTIAGO, 2014, p. 64). Havia um desejo de (con)viver com o outro, com um semelhante na diferença – homens, *gays* e com temperamentos/personalidades/*bios* totalmente diferentes. Assim, Silviano, encaminhando-se para o fim do primeiro capítulo de **Mil rosas roubadas**, afirma que quer narrar o *início do nosso relacionamento* (SANTIAGO, 2014, p. 64). Isto é, até aquele momento, do relacionamento Silviano/Zeca que, agora, permeado pelo nosso exercício crítico-biográfico fronteiro, intrometemo-nos.

Silviano, ao (des)arquivar suas memórias e narrá-las, estabelece uma imagem, um fantasma, um espectro de Zeca que vive e ronda a cultura. Uma discussão acerca dos espectros implica atravessamentos que concernem à memória, à herança, à *sobre-vida* (DERRIDA, 1994, p. 13), à sobrevivência e, caro ao nosso discurso, à *escrevivência*. As relações/proposições de amizade implicam construções espectrais. No caso específico de Silviano, a conjuração de espectros (DERRIDA, 1994, p. 133) se dá de maneira dupla: primeiro, por **Mil rosas roubadas** ser um romance aquilatado, principalmente, no tema da amizade (real e ficcional); segundo, por ser narrado por um amigo-amante que (re)vive as próprias *escrevivências* juntamente do amigo-amado morto. A morte, para nós divíduos dá sentido à nossa vida de seres falantes (SCHNEIDER, 2005, p. 211).

No caso da relação Zeca/Silviano, a perspectiva espectral se fundamenta no relacionamento de um sobrevivente que narra sobre a morte do amigo-amado. Entretanto, o espectro não possui como condição *sine qua non* a presença da morte. Como já explicitamos neste texto, quando nos debruçamos sobre a vida de Silviano, construímos nossa herança, a herdamos e a mantemos viva (NOLASCO, 2010, p. 37) além de, ademais, nos colocarmos metaforicamente enquanto seus amigos-amantes políticos os quais nos aproximamos pelo distanciamento. Fundamos Silviano enquanto nosso espectro, nossa *sobre-vida*. Há uma imagem do mineiro criada e alicerçada pelos nossos olhares de críticos biográficos fronteiros estabelecendo o nosso Silviano Santiago individual.

Na mesma medida em que conjuramos o espectro de Silviano ao escre(vi)vermos sua vida e suas *escrevivências*, conseqüentemente, construímos os biografemas (BARTHES, 2003, p. 126) das nossas próprias biografias e trazemos ao nosso lado as figuras fantasmagóricas que assolam nossos *bios* e que tamponam nossas faltas. Empenhamo-nos na condição de herdeiros não apenas em recebê-la, mas de escolher, decidir e saber sobre a vida do outro e, de maneira transferencial, sobre as nossas próprias vidas (NOLASCO, 2010, p. 38). Jacques Derrida em **Espectros de Marx** (1994) pontua:

[...] a vida para além da vida presente ou de seu estar-presente efetivo, de sua efetividade empírica ou ontológica: não em direção a uma morte, mas em direção a uma *sobre-vida*, a saber, um traço com relação ao qual vida e morte

seriam somente traços e traços de traços, uma sobrevida cuja possibilidade vem antecipadamente desajuntar ou desajustar a identidade a si do presente vivo. Espíritos. É preciso *contar com eles. Não se pode não dever, não se pode não contar com eles, que são mais de um: o mais de um.* (DERRIDA, 1994, p. 13, grifos nossos)

Sob a égide de Derrida no fragmento, entendemos que viver essas vidas e estabelecer tais amizades críticas/políticas são perspectivas que estão para além da própria vida ou da morte, pois se aquilatam em uma *sobre-vida* (DERRIDA, 1994, p. 13). Vida e morte são apenas traços. Com isso, teorizar sobre esses amigos quer dizer que independente da vida/morte ou obra destes, suas sobrevivências serão mantidas assim como um livro sobrevive à morte de seu autor (NOLASCO, 2010, p. 44-45). A existência do nosso Silvano e dos nossos outros espectros citados independe de uma ontologia, mas do quão demoradamente nos propomos a tratá-los, a viver demoradamente essas vidas. Intensificamos essas plêiades de amigos espectrais enquanto modo político de revalorizar os nossos convívios com o outro, necessitamos desse cuidado crivado na alteridade como condição indispensável do cuidado de nós mesmos (ORTEGA, 1999, p. 132).

Derrida, em **Espectros de Marx**, discorre sobre o “aprender a viver” e, substancialmente, *aprender a conviver com os fantasmas no encontro, na companhia ou no corporativismo* (DERRIDA, 1994, p. 11). É, portanto, aprender a viver de maneira outra e não necessariamente melhor, mas (con)viver *com eles*. Ademais, a ação de estar com os espectros propõe uma política da memória, da herança e das gerações. O filósofo reitera que é preciso falar *do fantasma, até mesmo ao fantasma e com ele* (DERRIDA, 1994, p. 11). Nessa perspectiva, ainda que soframos de um mal/de uma pulsão de morte, somos os herdeiros fielmente infieis que, ao escolhermos e conjurarmos nossas plêiades de espectros, aprendemos a conviver e a sobreviver com os fantasmas, com a falta e com o luto.

Ainda sobre o espectro e a sombra fantasmagórica da morte que pode nos cercar (ou não), Roland Barthes, em **Fragmentos de um discurso amoroso** (1988), pensa “[...] na morte *ao lado*: penso nela segundo uma lógica impensada, derivo fora da dupla fatal que liga vida e morte ao mesmo tempo que as opõe.” (BARTHES, 1977, p. 10). Relacionado à ideia da *morte ao lado*, a proposição utilizada por Michel Schneider em **Mortes imaginárias** (2005) elucida que “[...] quando o espectro nos foge da vista / Sentimos que está de pé ao nosso lado.” (SCHNEIDER, 2005, p. 91).

Grosso modo, as reflexões de Barthes e de Schneider, se somadas as de Derrida, possibilitam compreender a ideia do espectro à luz (ou à sombra) sempre de um conjurador (DERRIDA, 1994, p. 133), de um amigo; nos nossos casos, especificamente, de críticos biográficos fronteiros herdeiros e amigos políticos que o construímos à imagem nós. Nesse sentido, ainda que não tenhamos feito, por razões que não cabem aqui justificar, poderíamos intitular este texto de “Espectros S/Z” – relendo o **Espectros de Marx** de Derrida e **S/Z** (1970) de Barthes – na medida em que nos dispomos a conjurar essas imagens espectrais/renomes do nome para além da morte (DERRIDA, 2003, p. 17) explicitados enquanto aparições conjuradas, fantasmas, amigos e organismos vivos na cultura. Isso posto, Barthes em *S/Z* corrobora:

Fragmentei, resumo e amalgamei ideias vindas minha cultura, isto é, do discurso dos outros; comentei, não para tornar inteligível, mas para saber o que é o inteligível; e para tudo isso apoiiei-me continuamente naquilo que se enunciava à minha volta. (BARTHES, 1970, s/p)

No que se refere à cultura – abordada por Barthes – e, conseqüentemente, ao espaço público, Francisco Ortega em **Para uma política da amizade**, reitera o deslocamento da amizade da esfera privada (ORTEGA, 2000, p. 57), da intimidade, para o mundo público, social, desprovido de fraternidade e estabelecendo um exercício do político contrapondo-se à despolitização (ORTEGA, 2000, p. 58) assentada nas formas previamente endossadas de sociabilidade privadas. Propõe-se, portanto, uma política da amizade (que seja possível ou impossível)

(ORTEGA, 2000, p. 67-68) que desconstrua as ligações entre fraternidade e amizade para criar uma democracia para além dos processos reafirmação de subjetividades.

É nesse interstício político do distanciamento e da não fraternidade que nos ocupamos para conjurar nossos amigos-políticos espectrais e fundamentar nossa relação de amizade a partir de uma política, sobretudo, de caráter *homo-biográfico*. Ensejamos conjurar nosso amigo-espectral Silviano e, ao fazê-lo, crivados no espaço público e político, evocamos Zeca enquanto amigo-político que constitui também nossa sensibilidade dividida. Sobre o estabelecimento de amizades extrínseco a modelos e metáforas familiares, Ortega discorre:

Existe uma amizade e uma democracia 'por vir', livre de metáforas e imagens familiares, de hipóstases nacionais, étnicas, além da dupla de amigos e seu contrato testamental? É possível imaginar uma nova política da amizade além da reciprocidade, da proximidade, das metáforas familiares e divisões binárias, e da identificação do outro com o mesmo? Tratar-se-ia de uma amizade e uma democracia generosa com uma diferença multilingual, multirracial, multicultural, bem como multissexual. (DERRIDA *apud* ORTEGA, 2000, p. 79)

No plano da possibilidade da imaginação de amizades (ORTEGA, 2000, p. 96), substancialmente, políticas, Ortega ainda possibilita que nem sempre essas relações já existem, mas podem ser conjuradas, inventadas e produzidas – como realizamos nesse texto acerca da plêiade de amigos/espectros que herdamos/somos herdados, escolhemos/somos escolhidos e afetamos/somos afetados. O autor ainda pontua que cada indivíduo deve criar a ética que convém à sua própria amizade e, conseqüentemente, *um "direito relacional" que pontua um apelo ao estabelecimento de novas formas de vida* (ORTEGA, 2000, p. 96).

No aspecto referente à amizade que descortina *novas formas de vida*, a plêiade de amigos-políticos a qual nosso texto se assenta é nevrálgica para (re)visitarmos a amizade em tempos de cólera. Conforme exposto por Ortega em **Genealogias da amizade**, a entrada da homossexualidade enquanto patologia no século XIX é uma das causas do declínio da amizade nas sociedades ocidentais (ORTEGA, 2002, p. 144). A sombra da homossexualidade pesa sobre as amizades e esta questão é substancial para escre(vi)vermos a amizade *homo-biográfica* (S/Z) que abaliza **Mil rosas roubadas** e é (re)visitada através das nossas ópticas de amigos-amantes políticos/críticos biográficos fronteiros que compartilham, também, dessa nova forma de vida projetada e constituída no espaço público.

Devido à amplitude de possibilidades teóricas acerca da *amizade homo-biográfica* em **Mil rosas roubadas**, nos deteremos aqui, especificamente, na *boa amizade/amizade política* que funda e abaliza a relação S/Z além de corroborar, sobretudo, as novas formas de vida propiciadas pelos estilos de vidas/existências *gays* (ORTEGA, 1999, p. 154). Assim sendo, Ortega em **Amizade e estética da existência em Foucault** (1999), na esteira das reflexões de Foucault acerca da amizade e da homossexualidade, pontua que há uma dificuldade dos homens, diferentemente das mulheres, em introduzir dimensões de afetividades em suas amizades. O que, aos olhos do filósofo, demonstra um atrofiamiento histórico. Ademais ao pensamento foucaultiano, Ortega evoca Nietzsche e Derrida para elucidar uma amizade da boa distância, de afinidade eletiva, uma arte da amizade (ORTEGA, 1999, p. 27).

Pode-se afirmar, portanto, que a amizade masculina instituída em **Mil rosas roubadas** destoa desse atrofiamiento histórico discutido por Ortega, na medida em que apesar dos constantes conflitos e embates *ascéticos*³, os amigos-políticos, cada um ao seu modo, explicitam uma relação de intimidade não-íntima com o outro. A chave que é girada pelo amigo-narrador-amante Silviano e que dá o tom inicial do *romance* nos esclarece esse *caráter outro*: "Perco meu biógrafo. Ninguém me conheceu melhor que ele. Nasceramos um para o outro aos dezesseis anos de idade, em Belo Horizonte, nos idos de 1952." (SANTIAGO, 2014, p. 06).

³ Francisco Ortega, à luz de Foucault, em **Amizade e estética da existência em Foucault** entende a *ascese* enquanto a capacidade de efetuar determinadas operações sobre si para se transformar e propor para si uma forma de existência (ORTEGA, 1999, p. 23).

Em linhas gerais, Silviano propõe uma narrativa ensejada por um modo de vida *outro*, posta em um âmbito político/público e localizada temporalmente nos anos 1950, tempo em que a homossexualidade e o homoerotismo eram, por sua vez, confundidos com a amizade e postos, assim, *sub judice*. Já nos valendo dos anos 1950 e do ato simbiótico entre ficção e vida, assumimos que, para além das fronteiras literárias, Silviano Santiago e Ezequiel Neves (Zeca) foram amigos reais, no plano empírico, até a morte de Zeca em 2010. Hoje, a amizade dos dois é fundamentada pelo exercício (des)arquiviolítico de Silviano em **Mil rosas roubadas** alicerçado pelo discurso do epitáfio de amar o amigo para além da vida e da morte. Agora, tais relações são revitalizadas pelas nossas escrituráveis *homo-biográficas* de críticos *supondo saber sobre a vida do/s outro/s* (NOLASCO, 2010, p. 39).

A história dos nossos amigos políticos/espectrais/amantes, S/Z, se inicia nos anos 1954 em Belo Horizonte no Colégio Moriconi (NEVES, 1997, p. 20). Posteriormente, os amigos se juntavam nas reuniões do Centro de Estudos Cinematográficos e, mais adiante, na fundação da revista “Complemento”. Silviano Santiago, na entrevista “Viagem ao México” (1996), descreve os grupos os quais participava em 1950 na cidade de Belo Horizonte:

Na Belo Horizonte dos anos de 1950, participando de vários grupos, entre eles o do Centro de Estudos Cinematográficos, o da revista *Complemento*, o do Teatro Experimental e o do Balé Klaus Vianna, tive a sorte de ter uma formação artística das mais amplas e de ter artistas extraordinários e corajosos como amigos e modelos. (SANTIAGO, 2011, p. 74)

Na esteira desse cenário real e ficcionalizado em **Mil rosas roubadas**, Ezequiel Neves, no texto “Um mineiro de Formiga” (1997), afirma que quando se trata de Silviano Santiago: “[...] é lógico! Amigo Maior, Romancista Maior, Poeta Maior.” (NEVES, 1997, p. 20). Atrevemo-nos, na figura de críticos biográficos fronteirizos e amigos políticos desses amigos-espectros, a inserir a expressão “amor maior” à lista de expressões aferidas por Zeca a Silviano. Uma amizade política da boa distância que, de modo coincidente com as proposições teórico-ficcionais de Silviano em seu projeto *homo-bio-ficcional*, se mistura com um possível amor homossexual.

Ainda em “Um mineiro de Formiga”, Zeca afirma que ele e Silviano nunca se separaram, mesmo que este fora o primeiro da turma a sair de Belo Horizonte para fazer doutorado em Paris sobre o escritor, também homossexual, André Gide. Avançando temporalmente, Ezequiel explicita que desde os meados dos anos 1960 e 1970, ele e Silviano não se desgrudaram mais, uma vez que ambos moravam no Rio de Janeiro e compartilhavam a condição de vizinhos de bairro. No findar de sua confissão afetiva e política em relação ao amigo, Zeca reitera que Silviano sempre o ensinaria a amar a vida, pois ele é sábio e esperto. Nem parece mineiro de Formiga (NEVES, 1997, p. 21).

Entendemos, portanto, que do mesmo modo que S/Z transferencialmente aquilatam uma amizade que extrapola todos os limites empíricos e adentram as fronteiras ficcionais, nós nos incluímos nessa tríade na figura de amigos também políticos que os conjuram espectralmente e os (re)vivem a partir de nossas *sobre-vidas* derridianas. Essa inscrição aquilatada em uma política da amizade faz-se possível devido ao fenômeno da linguagem debatido por Frantz Fanon ao explicitar que ao falar, existimos para o outro, sobretudo, no que concerne ao nosso recorte crítico assentado em uma amizade/estética da existência *homo-biográfica*:

Atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor [do amigo/político e homossexual]. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro. (FANON, 2008, p. 33)

Portanto, no que tange à passagem de Fanon e como possível conclusão das reflexões apostas, reitera-se a importância da linguagem em todo gesto ensaísta-dissertativo que ensinamos nesse texto. Sem a prospecção do fenômeno fundamental da linguagem, o arquivo, a amizade, a herança, a sobrevida e os espectros não seriam possíveis de serem (des)arquivados.

dos, articulados e escre(vi)vidos, nem por nós, nem por Silviano. Conforme explicitou Fanon, falar é existir para o outro; sendo assim, ao falarmos sobre/a partir de S/Z, existimos para os nossos amigos espectrais tais quais estes existem para nós. Para Diana Klinger em **Escritas de si, escritas do outro**, escrever significa se expor, se mostrar (KLINGER, 2012, p. 24). No bojo de uma contaminação conceitual memorialística derridiana, entendemos que escre(vi)ver implica lembrar e esquecer através de um gesto anamnético-narrativo ambivalente na medida em que ao lembrar, esquecemos; e, ao esquecer, (re)lembramos.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. Corpo. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova reunião**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, 2003.

BARTHES, Roland. **Fragments de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BARTHES, Roland. **S/Z**. Coimbra: Edições 70, 1970.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional**. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. **Políticas da amizade**. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Em entrevista ao 'Nexo'**, escritora fala sobre memória, vivência, escrita e os avanços e lutas do movimento negro. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscara brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LINDON, Mathieu. **O que amar quer dizer**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. 1ª ed. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
NEVES, Ezequiel. Um mineiro de Formiga. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (org.). **Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997. p. 20-21.

NOLASCO, Edgar César. Clarice é minha neblina. In: NOLASCO, Edgar César. **A hora da estrela Clarice Lispector (40 anos)**. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 17-22.

NOLASCO, Edgar César. Políticas da crítica biográfica. **Cadernos de Estudos Culturais: crítica biográfica**, Campo Grande, v. 2, n. 4, p. 35-50, jan.-jun. 2010.

NOLASCO, Edgar César. Luto e melancolia no canto da seriema do cerrado: por uma identidade da crítica cultural local. **Cadernos de Estudos Culturais: crítica contemporânea**, Campo Grande, v. 2, n. 3, p. 29-49, jul.-dez. 2010.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1999.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade**: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PESSANHA, Juliano Garcia. **Recusa do não-lugar**. São Paulo: Editora UBU, 2018.

SANTIAGO, Silvano. **Em 'Mil rosas roubadas'**, Silvano Santiago escreve uma biografia da vida interior. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/em-mil-rosas-roubadas-silvano-santiago-escreve-uma-biografia-da-vida-interior.html>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

SANTIAGO, Silvano. **Mil rosas roubadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SANTIAGO, Silvano. Viagem ao México. In: COELHO, Frederico (org.). **Encontros**: Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011. p. 62-75.

SCHNEIDER, Michel. **Mortes imaginárias**. São Paulo: A girafa editora, 2005.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. Teorizar é metaforizar. In: CECHINEL, André (org.). **O lugar da teoria literária**. Criciúma: Ediunesc, 2016. p. 217-224.

Recebido em 13 de junho de 2019.

Aceito em 20 de fevereiro de 2020.